

VOTO DE PESAR

«Não se via nada e as gaivotas vinham mesmo beijar a terra», explicou Manuel Medeiros Ferreira em entrevista, ao falar do dia (inspirador e, na verdade, tão tipicamente ilhéu) em que compôs a sua canção – eu diria a “nossa” – «Ilhas de Bruma», essa música que, muito mais do que uma junção entre letras e notas, é uma união entre o céu e as ondas, é um autêntico cântico de mar, de vulcões, de neblina, de hortências, de basalto negro – esse sangue da terra que nas veias nos corre. Um cântico da nossa alma açoriana, um cântico do nosso sentir insular.

O dia 3 de janeiro último ficou marcado, nestas ilhas e bem para além deste mar, pela sua partida. A doença, quando o ano ainda mal se erguera, levou-nos Manuel Medeiros Ferreira, aos 63 anos de idade, depois de uma vida dedicada aos livros (terminou a sua carreira profissional como bibliotecário no Hospital de Ponta Delgada), à composição e ao mar. Mas a música que compôs, com especial destaque para «Ilhas de Bruma», está para além do seu desaparecimento físico, é um legado de amor à sua terra (a esta nossa admirável terra), é uma imensa e incontornável dádiva de açorianidade, maior do que o tempo que aqui passou e do que o espaço que habitou, que devemos saber honrar, enaltecer e perpetuar. Cantá-lo, em sussurro ou em coro, é sempre cantar os Açores.

Em março de 2013, e porque esta sua música ultrapassou largamente as nossas fronteiras insulares, a comunicação social (quer a nível regional, quer a nível nacional) assinalou o trigésimo aniversário de «Ilhas de Bruma». Segundo nota do Diário de Notícias, reproduzida pelo Diário dos Açores, “A canção, que levou dois meses a escrever e a aperfeiçoar, foi tocada em público pela primeira vez na primeira edição do Festival Maré de Agosto (...), mas o sucesso popular chegou quando a RTP/Açores aproveitou o tema para algumas das suas séries mais emblemáticas na década de oitenta do século passado. O conhecimento público de grande dimensão aconteceu a partir da *Balada do Atlântico*.” E o desejo maior de Manuel Medeiros Ferreira, ao compô-la, não podia estar melhor cumprido: afirmar-se como açoriano e levar os Açores mais longe.



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
Gabinete da Presidência

São dezenas as versões existentes da sua música. Nem o próprio autor sabia precisar um número. Entre elas está o magnífico arranjo polifónico da autoria do também saudoso Emílio Porto. E tantas outras, umas de pendor mais profissional, outras mais amadoras, que sempre dela fazem aquilo que ela é: uma balada de amor por estas ilhas e por este mar.

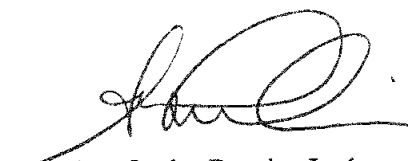
O mar foi, aliás, uma constante na vida de Manuel Medeiros Ferreira, que se preparava para recuperar a sua terceira embarcação. “E o mar”, dizia ele numa entrevista, “para mim é o mar. Vivo numa casa que tem sete metros de estrada e depois aquela imensidão de mar”. E rematava, numa sabedoria serena que quem com ele privava dizia emanar dos seus olhos e das suas palavras: “Navego; o mar é aquele horizonte aberto; permite-me ganhar uma perspetiva muito longa das coisas”.

E se da vida disse, um dia, que “foi maravilhoso ter passado por aqui”, nós só temos a agradecer-lhes – a ele e à vida, precisamente – por termos tido Manuel Medeiros Ferreira entre nós, nestas nossas ilhas, nestes nossos Açores, rumo à bruma, terna e longa, que agora lhe dará guarida.

Assim, nos termos regimentais e estatutários aplicáveis, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, aprova um Voto de Pesar pelo falecimento de Manuel Medeiros Ferreira expressando as nossas mais profundas e sentidas condolências.

Aprovado, por unanimidade, pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na Horta, em 14 de janeiro de 2014.

A Presidente da Assembleia Legislativa
da Região Autónoma dos Açores



Ana Luísa Pereira Luís